

FMS / CPA / GERIN
BIBLIOTECA

Jornal *A Tarde*
Data *17.02.92*
Caderno *1* Página *3*
Seção
Assunto *Habitação*

Morar no morro: miséria sem poesia

A miséria é uma constante na vida dos moradores das encostas de Salvador. Sem água para beber ou tomar um banho, luz elétrica improvisada e sujeitos a todos os tipos de doenças, eles formam a parte da população que mais sofre com as chuvas. O que para os moradores de apartamentos ou casas em locais planos é trágico, para esses desafortunados soteropolitanos é o cotidiano.

Tanto faz as favelas em cima de morros na Baixa do Fiscal, Cidade Nova, Calabar, Periperi, Lobato ou Saboeiro, os barracos são construídos com madeirite, papelão e lona. O piso é o chão batido mesmo. Alguns, em melhores condições, conseguem fazer casas mais sólidas, de alvenaria, mas a maioria continua, por anos a fio, numa moradia miserável.

Próximo ao Corpo de Bombeiros, seguindo para o Iguaemi, existe o Jardim Caiçara. Algumas famílias, já estabelecidas há anos, conseguiram fazer uma pequena construção de alvenaria. A maioria, que forma a parte mais pobre e denominada de Jardim Caiçara II, sobrevive de esperança. Valdir Justino Conceição, por exemplo, é vigilante e pedreiro, mas vive de "bicos".

Há pouco tempo ele se envolveu num negócio desonesto e acabou levando um tiro no braço direito, desfeito, segundo ele, pela Polícia. Agora, que está se recuperando da fratura, tenta todo tipo de trabalho para que ele, a mulher e dois filhos — um de sete anos e outro de um ano e quatro meses — não passem fome. Todos dormem

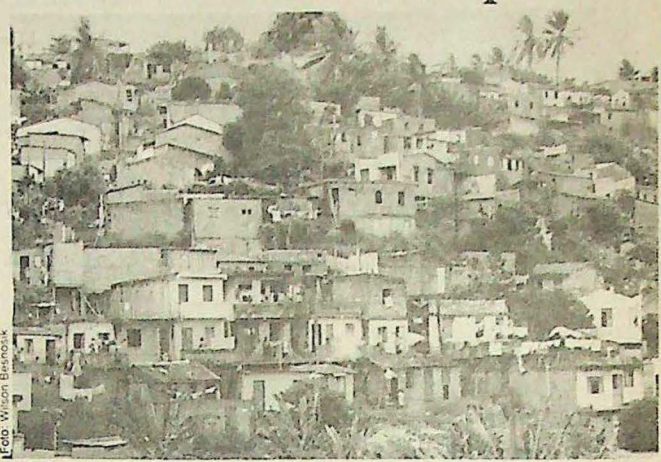


Foto: Wilson Brandão

De longe fica até "poético" mas, de perto, as famílias sofrem

num improvisado cômodo de papelão e lona plástica. Seus filhos têm problemas de pele e vermes, devido à proximidade do esgoto aberto com o barraco. "Eles sempre estão em contato com a lama e a água do esgoto", diz Valdir Justino.

No morro não se sabe quem tem a história mais triste. Todos têm sofrimentos. Libânia Silva Santos tem só 32 anos de idade, está no Jardim Caiçara II há oito meses. Ela é avó de dois meninos, um do seu filho de 17 anos — o mais velho dos oito — e outro da filha

Valneide. Sua história é semelhante à dos vizinhos. Seu marido bebia muito e terminaram se separando há cinco meses, quando ela já estava com um mês de gravidez do nono filho. Libânia lava roupa de moradores próximos ao Iguaemi. Ela explica que, para pegar água, é preciso atravessar as pistas do Vale do Bonocó e tirar o líquido de um tubo que fica junto do Rio das Tripas. Por causa disso, conta Libânia, uma amiga dela, de 32 anos, ficou parálitica. "Ela foi pegar água e terminou atropelada. Hoje, não anda", diz.